

EDITORIAL

TEORIA DO TEXTO POÉTICO

Sobre a palavra “teoria”, Jonathan Culler (1999, p.11-2), em um livro publicado originalmente em 1997, *Literary theory: a very short introduction*, observou que, naquele contexto, se falava muito em “teoria”, não em “teoria da literatura”. A queixa das pessoas de que havia teoria demais nos estudos literários não dizia respeito “à demasiada reflexão sistemática sobre a natureza da literatura ou ao debate sobre as qualidades distintivas da linguagem literária”. Enfatizando a diferença entre “teoria” e “teoria da literatura”, Culler propôs que a explicação sobre a natureza da literatura, ou sobre os métodos para seu estudo, é uma parte da teoria nos estudos literários, conceituada como “um conjunto de reflexão e escrita cujos limites são excessivamente difíceis de definir”. Tratando a teoria como um novo “gênero” surgido no século XIX, ressaltou que, desde o decênio de 1960,

textos de fora do campo dos estudos literários foram adotados por pessoas dos estudos literários porque suas análises da linguagem, ou da mente, ou da história, ou da cultura, oferecem explicações novas e persuasivas acerca de questões textuais e culturais. Teoria, nesse sentido, não é um conjunto de métodos para o estudo literário, mas um grupo ilimitado de textos sobre tudo o que existe sob o sol, dos problemas mais técnicos de filosofia acadêmica até os modos mutáveis nos quais se fala e se pensa sobre o corpo (CULLER, 1999, p.13).

O contexto dos anos 1960, no campo dos estudos literários, remete à origem dos estudos culturais, que, segundo Culler (1999, p.52), “surgiram como a aplicação de técnicas de análise literária a outros materiais culturais”, tratando “os artefatos culturais como ‘textos’ a serem lidos e não como objetos que estão ali simplesmente para serem contados”. Tal emergência, ocorrida a partir da Inglaterra no final dos anos 1950, difundida pelos Estados Unidos, a partir dos anos 1970, passou a ser verificada no Brasil, de modo mais perceptível, a partir dos anos

1990. A publicação da tradução de *Literary theory: a very short introduction* para o português no Brasil em 1999 contribuiu para acalorar a discussão em nosso país. Jonathan Culler (1999, p.52), adotava uma perspectiva conciliadora entre os estudos literários e os estudos culturais, elogiando a abrangência da “teoria”, que, como destacou, passou a incluir obras de antropologia, história da arte, cinema, estudos de gênero, linguística, filosofia, teoria política, psicanálise, estudos de ciências, história social e intelectual, e sociologia. Sem confundir teoria por teoria da literatura, considerou, positivamente, que o impacto da teoria “foi expandir o arco de questões às quais as obras literárias podem responder e focar a atenção nos diferentes modos através dos quais elas resistem a ou complicam as ideias de seu tempo”.

O reconhecimento da relevância da teoria, definida nos termos propostos por Culler, e dos estudos culturais para os estudos literários não dispensou a preocupação com a possível perda da especificidade do objeto literário. Abordando a “teoria da literatura”, em 1999, na “Nota à 3^a edição” do livro *Teoria da literatura em suas fontes* (volume 1), Luiz Costa Lima (2002, p.7) destacou que, desde os anos 1990, podia-se “afirmar que a reflexão teórica do objeto literário deixou de estar na crista da onda, passando a ser vista sob a suspeita de não ser politicamente correta”. Lima comentou brevemente que a complexificação progressiva do texto literário na modernidade não resultou em prestígio para o objeto literário, e que “a tônica passou para assuntos mais leves ou de interesse mais imediato – a expressão das minorias, a questão do cânone, a inter-relação mais ampla da literatura com o que tradicionalmente fora objeto da antropologia, a volta à pesquisa histórica de movimentos, que haviam sido relegados a segundo plano” (LIMA, 2002, p.8). Suas palavras inserem-se no contexto da emergência dos estudos culturais no Brasil e, a esse respeito, é relevante observar a proposta de conciliação entre os dois campos de estudos presente no artigo “Estudos Literários, Estudos Culturais: repositionamentos”, de Walter Moser (1998), afinado com as ideias de Culler (1999). Enfatizando que a literatura seguia existindo nas sociedades, Moser alertava para o cuidado de não atribuir aos estudos literários um desenvolvimento homogêneo e linear. Propunha que o texto devia ser visto como pedra de toque tanto dos estudos literários quanto dos estudos culturais”, almejando a interação entre as duas formações, e não a mera integração de uma pela outra. Para tanto, por meio de uma avaliação esquemática das múltiplas funções que o texto literário pode assumir, destacava que a variedade de seus possíveis enfoques seria de grande pertinência para os estudos culturais. Em suas palavras:

Uma ‘escuta’ comum entre EL e EC do texto literário me parece, portanto, desejável, tanto quanto me pareceria produtivo que essa escuta fosse ‘estereofônica’. Quero dizer com isso que se cada formação faz sua parte do trabalho e com seus próprios métodos em relação aos mesmos objetos – nesse caso, os mesmos textos literários -, os resultados são potencialmente mais interessantes do que se uma das duas se apropriasse de certos objetos ou de todos eles (MOSER, 1998, p.75-6).

Por meio dessa “escuta” desejada por Moser, seria possível abordagens com o texto literário dedicadas à análise da singularidade e da historicidade da obra, dito de outro modo, à análise dos aspectos da linguagem literária, apreendidos em seus contextos de produção e circulação.

O advento inevitável e desejável dos estudos culturais, direcionando os olhares para textos e artefatos culturais antes negligenciados ou invisibilizados, alterou percepções e, consequentemente, a própria teorização, motivando discussão sobre a teoria nas ciências humanas e, nos estudos literários, em particular. Acreditamos que esta tem sido uma tarefa importante enfrentada, por exemplo, por pesquisadores vinculados ao GT Teoria do Texto Poético ao longo das últimas três décadas de sua existência ininterrupta, acompanhando as transformações pelas quais tem passado os estudos literários, que, como escreveu Culler (1999, p.52), “nunca foram unificados em torno de uma única concepção daquilo que estavam fazendo, fosse tradicional ou não”.

O presente dossiê da Revista *Jangada*, intitulado “Teoria do Texto Poético”, homenageia este que é um dos mais antigos grupos de trabalho da Associação Nacional de Programas de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguísticas (ANPOLL) – o GT Teoria do Texto Poético, criado em 1985¹, e apresenta artigos dedicados a discussões sobre aspectos teóricos ou leituras críticas de textos poéticos. De comum acordo com a concepção de que os estudos literários se caracterizam por uma ampla heterogeneidade teórica, os trabalhos aqui apresentados representam um pequeno recorte dessa dinâmica coexistência.

A seção dossiê é composta por seis textos: 1. “Arquitetura e voo: notas sobre um poema de Joaquim Cardozo”, de Rodrigo Garcia Barbosa, que, partindo da investigação sobre esporte,

¹ Para mais informações sobre a história do GT, acessar o verbete disponível no volume Grupos de Trabalhos da ANPOLL e(m) movência(s) de saberes: Pesquisas em Estudos Linguísticos e Literários, volume 03 / Juciane Cavalheiro [et. al.]. – Rio Branco: Nepan Editora, 2025. Acessível em <https://anpoll.org.br/2022/wp-content/uploads/2025/10/Pesquisas-em-Estudos-Linguisticos-e-Literarios-%E2%80%93-Volume-03.pdf> Último acesso de 15 de dez. 2025.

arquitetura e poesia, analisa o poema “O salto tripartido”, de Joaquim Cardoso, publicado na obra *Signo Estrelado* (1960). 2. “Flaubert, ‘Salammbô’ e o romance-poema”, de Celina Maria Moreira de Mello, sobre a *Correspondência* de Gustave Flaubert e os processos *agônicos* e poéticos da escrita de *Salammbô* (1862). 3. “‘Loucas’, marginais, escritoras: as subjetividades de Maura Lopes Cançado e Stela do Patrocínio”, de Alexandra Santos Pinheiro e Bianca Cardozo Flores, dedicado à análise dos textos *Hospício é Deus*, diário da mineira Maura Lopes Cançado e *Reino dos bichos e dos animais é meu nome*, sobre a marginalização das escritoras Maura Lopes Cançado e Stela do Patrocínio. 4. “A intervocalidade simulada em ‘La Tierra de Alvargonzález’, de Antonio Machado”, de Fabiane Renata Borsato, uma análise de *La tierra de Alvargonzález (cuento-leyenda)* e do poema-romance homônimo, publicados na obra *Campos de Castilla* (1907-1917), de Antonio Machado, atendo-se a lendas tradicionais, à descrição de permanências e variações linguísticas e ao aparato discursivo dos narradores. 5. “Cecília Meireles, por onde anda a cronista viajante”, de Ilca Vieira de Oliveira, sobre o tema da viagem nas crônicas de Cecília Meireles, propondo a imagem de uma “Pastora de nuvens” a conduzir o processo da escrita de maneira reflexiva. 6. “Pensar a palavra que escapa da página e se instala na tela: uma análise de *Todos os rios* (1989), de Leonilson, a partir da semiótica sincrética”, de Laura Moreira Teixeira, que propõe uma análise de homologias entre a linguagem verbal e visual na pintura de José Leonilson Bezerra Dias.

Na sequência, tem-se duas resenhas: 1. “Em busca do tempo perdido: história e (des)construção na literatura em Silviano Santiago”, de Rodrigo Felipe Veloso, sobre o livro *O grande relógio: a que hora o mundo recomeça* (2024), de Silviano Santiago. 2. “Costurando utopias em tempos de distopia: uma leitura de Ana Rüsche”, de Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, sobre o livro *Quimeras do agora: literatura, ecologia e imaginação política no Antropoceno* (2025), de Ana Rüsche.

O volume é finalizado com quatro artigos na seção “Varia”: 1. De Bulgákov a Jagger: leituras, releituras e encontros em múltiplos universos contextuais, de Luíza França Tomaz de Aquino, que analise comparativamente o romance *O Mestre e Margarida*, de Mikhail Bulgákov, e a canção *Sympathy for the Devil*, da banda The Rolling Stones, com foco em elementos materiais, corporais e sensoriais. 2. “Entre as espumas do mar e as brumas do ódio: literatura e resistência no conto ‘Garopaba Mon Amour’ (1977), de Caio Fernando Abreu”, de Juan Filipe Stacul e Geovana Mikaelly Oliveira Nascimento, que discute aspectos da ditadura militar brasileira no conto *Garopaba, mon amour*”, de Caio Fernando Abreu, publicado pela primeira

vez no livro *Pedras de Calcutá* (1977). 3. “Um oceano de acúmulos”: os devaneios e as águas em ‘No fundo do oceano, os animais invisíveis’, de Anita Deak”, de Douglas da Silva Farias, sobre como o narrador, por meio de suas vivências infantis, narra suas experiências traumáticas. 4. “Un Crépuscule d'Islam d'André Chevrillon : du positivisme tainien vers une mélancolie romantique”, de ahmed el ouarrad, sobre relações entre a viagem e a busca iniciática do eu profundo no romance *Un Crépuscule d'Islam*.

As contribuições exemplificam modos de leitura dos textos poéticos. Se atualmente esses modos, muitas vezes, se confundem com o que se faz nos estudos culturais, é importante observar, como o fez Jonathan Culler (1999, p.58), que o tipo de leitura não determina de *per si* o objeto literário: “a leitura cerrada da escrita não-literária não implica valorização estética do objeto; tampouco fazer perguntas culturais a respeito das obras literárias implica que elas são apenas documentos de um período”. Ciente desta problemática, relevante para os estudos literários e os estudos culturais, desejamos excelente leitura do presente volume da *Jangada*.

REFERÊNCIAS

- CULLER, Jonathan. *Literary theory: a very short introduction*. Gosport (Hampshire, UK): Oxford University Press, 1997.
- LIMA, Luiz Costa (Org). “Nota à 3^a edição”. In: *Teoria da literatura em suas fontes. vol. I* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MOSER, Walter. (1998). Estudos literários, Estudos Culturais: reposicionamentos. In: *Literatura e Sociedade*, 3 (3), p. 62-76. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i3p62-76>

Joelma Santana Siqueira (UFV/ CNPq)
Bruna Araújo Cunha (UFPE)
Editoras deste número